

Ms. Wilkinson me chamou de sobrinho

É um domingo quente, 23 de agosto de 2026, como tantos outros.

Um almoço rápido não é uma concessão, mas um ritual. Um breve descanso à tarde é uma exceção, concedida apenas para permitir que os níveis incomumente altos de dopamina produzidos pela manhã voltem ao normal depois de um acontecimento inesperado: hoje, o Bing colocou uma das minhas páginas em primeiro lugar na web para uma busca ligada à minha mãe, Gillette.

Do segundo lugar, meu avô observa, e sorri. Ele não parece bravo.

Hoje também descobri que King Camp Gillette deixou este mundo em 9 de julho de 1932. No momento em que li a data, quase pulei da cadeira.

Meu próprio projeto, gillettenarrative.com, nasceu em 9 de junho de 2026. Noventa e quatro anos depois da morte dele. E, segundo os acordos que fiz comigo mesmo, trinta e três anos antes da minha própria partida planejada, em 2058.

Quando as datas começam a convergir, quando começam a se encaixar com uma precisão inesperada, a gente é tentado a acreditar que pode haver outro algoritmo funcionando — um cuja aparência pouco se parece com aqueles a que já nos acostumamos.

Como sempre nesses momentos, sou acompanhado por jazz em língua inglesa. É a única música que minha mente recebe hoje de forma natural, agora que os violões e bandolins da minha família emudeceram pelas leis normais da natureza.

Então abro meu e-mail. Um golpe certo chega direto ao coração.

Samantha escreve de Londres. Ela é neta da senhora Wilkinson. Minha tia Maggie. A dama das espadas cruzadas. A mulher que, não faz muito tempo e na frente de toda a família, me chamou de sobrinho.

A mensagem dela é simples. A senhora Maggie Wilkinson faleceu. A pedido dela mesma, sabendo bem o suficiente sobre mim para antecipar minha reação, a notícia só foi entregue depois que o enterro já havia acontecido.

Somos ingleses. Uma lágrima encontra seu lugar.

A morte nunca é algo bonito. É simplesmente algo que a gente nunca espera de verdade.

Entre todas as mulheres que conheci na vida, essa tia adquirida ocupou apenas um breve capítulo. Ainda assim, seu papel foi essencial.

Ela me ajudou a entender que a aristocracia não está apenas em títulos, brasões ou privilégios herdados. Está nos modos. Está no comportamento. Está naquela qualidade que os anglófonos costumam chamar de aplomb. Há uma palavra mais simples para isso. Classe.

Escrevo esta carta para ela. Para a família dela. Para mim mesmo. Para todo leitor que um dia chegar até aqui.

E começo com uma única frase que guardo de memória: Somos o que somos por causa das pessoas que encontramos, e ninguém pode nos tirar isso.

A literatura médica abusa com frequência de uma autoridade concedida voluntariamente por pacientes que precisam de certeza. Com frequência nos diz o que é conveniente. Com menos frequência, o que é importante.

Dizem que crianças, entre o nascimento e os cinco anos, não têm memórias. Que não conseguem retê-las porque as estruturas cognitivas necessárias ainda não se desenvolveram. Segundo essa teoria, cada um de nós deveria carregar cinco anos de escuridão.

E, no entanto, me lembro dos tapas da minha mãe. Me lembro dos tapas das minhas professoras do jardim de infância. Não me lembro dos números. Começavam pares e nunca terminavam ímpares.

Os golpes que recebemos quando adultos funcionam de um jeito muito parecido. Ninguém os conta. A memória não os arquiva como estatística. Ela os deposita em silêncio dentro da alma. E, anos depois, os retira em forma de escrita.

Adeus, tia Maggie. Que você seja bem-vinda onde quer que sua jornada agora continue. As espadas seguem cruzadas até o dia em que você passar por baixo delas.

Adeus.

Seu sobrinho.

Nando o Escriba